

---

MARDONES, José María: *La Transformación de la religión. Cambio en lo sagrado y cristianismo*. Madri: PPC, 2005. 233 pp., 22 x 14, 8 cm. ISBN 84-288-0042-1.

---

Em junho de 2006, morria, de repente, aos 63 anos de idade, J.M. Mardones. Autor muito conhecido na Espanha, onde foi um dos introdutores da Escola de Frankfurt. Dedicou muitos estudos à religião e ao cristianismo, em concreto, em confronto com a modernidade, pós-modernidade e movimentos conservadores. Começa o livro retomando, em forma clara, didática e bem estruturada, o destino do sagrado no movimento do monopólio cosmovisional à perda do monopólio. Indica os pontos em que se passou de uma cosmovisão religiosa para a secular por causa do choque entre modernidade e religião. O estudo se faz na perspectiva europeia com atenção à situação da Espanha. O prisma central é a transformação da religião por causa das mudanças na estrutura social, na forma de olhar o mundo e de comportar-se em relação com as outras dimensões da vida. Valores e mentalidades se modificam. Verdadeiro terremoto cultural por meio de revolução intelectual segundo a qual se passou de uma sociedade impregnada pela cultura religiosa para outra de absoluta autonomia. Na primeira, a cultura religiosa agia como cosmovisão predominante, centro do mundo e da sociedade. Doravante, descentra-se o mundo da religião, e a política e a economia ocupam-lhe o lugar. Desloca-se a religião para a periferia: a conhecida teoria da secularização.

Seguem-se então o pluralismo cultural, a quebra institucional da religião, o individualismo exacerbado, a seleção dos elementos religiosos feita pelos indivíduos conforme seu gosto e prazer, a ruptura na cadeia de transmissão da religião, a oferta de várias propostas diferentes de sentido seja por outras religiões, seja por instituições seculares, enfim, uma religiosidade difusa que peregrina por todas as partes.

Diante do quadro acima descrito, o autor arma o diagnóstico. Mostra como a modernidade tardia ou pós-modernidade oscila entre a afirmação radical da imanência e o pulular de crenças religiosas até as mais exóticas. Numa palavra, balanceia-se entre reencantamento e indiferença. Impõe-se também a crise do cristianismo por causa da destradicionalização da sociedade, inclusive pela perda da cultura religiosa pela via do esquecimento. Assim se vive na cultura da incerteza e do risco. A crise da modernidade ocidental envolve também a do cristianismo, já que ambos, embora se estranhassem, vincularam-se estreitamente.

Processa-se verdadeira metamorfose da religião. Ela não desaparece, mas adquire outro significado social. Assume a forma de religiosidade difusa, fluida, com acento no aspecto existencial. Como as ofertas são díspares, facilmente indivíduos e grupos criam práticas e expres-

sões religiosas tomadas ecleticamente de fontes diferentes. A secularização do cosmos pelas ciências vê-se questionada por onda sacralizadora da natureza sob diversas formas. Verdadeira mística ecológica. A religião entra também na perspectiva performativa e pragmática da sociedade moderna avançada. Precisa mostrar resultados em relação a intervenções sagradas, salvíficas. Na cultura fragmentada pós-moderna, a religião sofre impacto desestruturador.

Em contrapartida à fluidez e ao extremo subjetivismo da religiosidade difusa, levanta cabeça, com força, o fundamentalismo, a chamada religiosidade forte. Apresenta-se como resposta religiosa ao mal-estar presente. É contra-reação cultural com veste religiosa diante da crise da modernidade.

Em outro momento, o A. analisa a situação religiosa sob a perspectiva cristã. Indica dados da queda da prática cristã na sociedade espanhola e estuda os fatores que a provocaram. Entre outros aponta a cultura da imanência, o fato de o catolicismo manter um paradigma fora da cultura moderna e não responder à atitude religiosa vigente. Esta se caracteriza pela individualização, pelo caráter existencial experimentalista e performativo no sentido de produzir efeitos visíveis e presentes. Em tal ambiente, no mundo católico despontam os novos movimentos eclesiais com traços conservadores. Mas já se observa que perdem força e dinamismo.

Se o olhar se amplia ao conjunto do cristianismo, a expansão se dá sob a forma pentecostal. Por isso, o livro estuda as origens do pentecostalismo, a sua situação atual, sua natureza. Discute a tese de alguns que aproximam o pentecostalismo do fundamentalismo. Embora tenha traços de compreensão literalista da Escritura, ele tem outras

raízes diferentes do fundamentalismo: concepção personalista, vivência emocional, religiosidade com implicações sociais e políticas.

Um bom capítulo trata da reconstrução católica. Descreve o imaginário tradicional católico, considerado como sagrado objetivo e dado. Sofre reconfiguração e ressignificação na modernidade do século XX na direção de um sagrado encarnado no espírito do Vaticano II. Desloca o centralismo eclesiológico para o cristológico, dando preeminência à dimensão histórico-salvífica do projeto de Deus. Desritualiza bastante a liturgia, atribui primado à Palavra de Deus com maior liberdade interpretativa. Elabora-se a universalidade do cristão.

Termina o livro analisando os desafios do futuro. O mapa da modernidade tardia preocupa: sociedade da indiferença, reencantamento do mundo, busca do sagrado fora das instituições religiosas, atração pelo fundamentalismo. E o cenário cristão? Surpreendente crescimento pentecostal, deslocamento do catolicismo ocidental do Atlântico Norte para o Sul. Os desafios vão na linha da mística do profano, de uma missão que envolva todos os cristãos, da inserção da mulher, da religiosidade de expressão afetiva, da incorporação do novo sujeito da crença. E as tarefas? A experiência de Deus, a luta pela justiça e transformação cultural, a fraternidade que se faz comunidade de vida e missão, uma fé madura e crítica, e a recuperação do símbolo e da celebração festiva.

Enfim, para onde caminha a transformação profunda da religião? Para novo encontro com a razão, já não mais com a orgulhosa razão iluminista, mas com a razão plural que reconhece o fim das certezas e que assume epistemologia flexível. E, por sua vez, a religião diante de tal razão carrega a tonalidade da

experiência e da mistagogia crítica, enfrenta o pluralismo religioso, vê-se levada a discernir a presença de Deus na história, a recuperar o símbolo, a refletir sobre a própria tradição. Estamos em face da transformação espiritual da religião e do cristianismo. Ela gira para dentro de si em busca de nova consciência religiosa, passando do antigo objetivismo para a interioridade. Envolve a cultura atual impulso trans-religioso que levanta questões ao cristianismo e o impele a superar definitivamente a mentalidade de cristandade. O A. viveu os primeiros meses do pontificado de Bento XVI e apontou-lhe algumas tarefas como a de enfrentar a herança deixada por João Paulo II. Sem dúvida, experimenta-se o fim do cristianismo de cristandade, tema tão caro a A. Torres Queiruga. Em termos de Europa, constata-se o deslocamento do cristianismo em direção ao Sul, ao Terceiro Mundo. Chocam-se a religio-

sidade difusa e o pólo oposto do fundamentalismo. A organização interna da Igreja padece de atrofia autoritária: como reencontrar o equilíbrio? A moral sexual e o papel da mulher aquecem polêmicas. O encontro inter-religioso, iniciado em Assis de maneira simbólica e forte, pede continuidade. Numa palavra, volta-se ao título do livro: a religião sofre profunda transformação. E o cristianismo aí dentro?

O leitor tirará enorme proveito, ao ler livro tão lúcido, crítico e carregado de prognósticos. Se, de um lado, retira certas seguranças tradicionais e não vê futuro em vários caminhos em construção na linha fundamentalista, de movimentos autoritários, de outro, permite pensar alternativas. Serve para abrir novas pistas pastorais.

João Batista Libanio SJ

---

KASPER, Walter (Cardeal): *O sacramento da unidade. Eucaristia e Igreja*. Tradução (do alemão) Inês A. Lohbauer. São Paulo: Loyola, 2006. 130 pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-15-03228-7.

KASPER, Walter: *Sakrament der Einheit. Eucharistie und Kirche*. Freiburg / Basel / Wien: Herder, 2004. 157 pp., 22 x 14,5 cm. ISBN 3-451-28568-1.

---

O conhecido teólogo alemão Walter Kasper, ex-professor de teologia em Münster e Tübingen, hoje cardeal presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, reúne neste volume seis trabalhos, em parte já publicados anteriormente, em torno do tema "Eucaristia e Igreja". São trabalhos de diferente valor e gênero, desde um de caráter acentuadamente pastoral, por ser um texto oriundo de uma Carta Pastoral de quando ele era bispo de Rottenburg-Stuttgart (I), passando por duas meditações bíblicas (II-

III) e uma conferência pronunciada no Congresso Católico alemão (*Katholikentag*) de 2004, realizado em Ulm (IV), para chegar a dois magníficos textos teológicos, um já publicado (V), outro pronunciado no último Congresso Eucarístico Internacional (México, outubro de 2004) (VI).

O primeiro trabalho (12-34) procura responder a questões pastorais concretas, a partir do princípio de que toda pastoral da Igreja está direcionada à eucaristia, razão pela qual tudo depen-

de de bem celebrá-la e compreendê-la. O A. passa casos concretos em discussão na Igreja alemã – alguns também aventados entre nós no Brasil –, dando orientações teologicamente fundamentadas.

Segue-se (35-42) uma meditação sobre a perícopes dos discípulos de Emaús, com um título que já revela sua tese: “Conhecer Jesus Cristo ao partir do pão”. A seguinte meditação bíblica (43-54) versa sobre o discurso do Pão da vida em Jo 6, com acento na afirmação da presença real de Cristo na eucaristia.

A conferência do *Katholikentag* de Ulm (55-79) aplica à relação entre as confissões cristãs o texto de Ef 2,13-21 sobre Cristo, nossa paz, que derruba o muro de separação entre judeus e pagãos. Acentua especialmente que não somos nós que fazemos reconciliação: “a unidade não é resultado do esforço humano; também o crescimento na unidade é um evento pentecostal” (58), ou seja: realizado pelo Espírito Santo. Ressalta como conceito-chave o “ecumenismo da vida” ou ecumenismo espiritual, entendendo por “vida” a vida nova que Cristo nos dá no batismo. Daí a necessidade de fundamentar o ecumenismo na profissão de fé batismal e não “pular os muros”, deixando-os estar e fazendo de conta que não existem. O ecumenismo, como processo de crescimento em que uns aprendem dos outros, acontece devagar e exige paciência. A vida é mesmo assim. Chama a atenção a possibilidades práticas reais do ecumenismo da vida: “Se fizéssemos realmente o que hoje é possível, já teríamos andado um bom pedaço” (67).

A seguir, trata da espinhosa questão da chamada “intercomunhão” ou “hospitalidade eucarística” (o A. não usa nenhum dos termos). Para tanto, lembra que a eucaristia é “mistério da fé”. “Por isso não pode haver para nós um convite aberto e geral à comunhão, nem

mesmo para católicos. O pressuposto fundamental da admissão à eucaristia é a questão de se, no fim da oração eucarística e ao receber a comunhão, se pode dizer de coração sincero, com toda a comunidade reunida, o ‘Amém’, ao que acontece na celebração da eucaristia, segundo a fé católica, e se esse ‘Amém’ é testemunhado com a vida” (68). Sublinha que para alcançar a unidade não bastam documentos de consenso, pois “em Pentecostes o Espírito Santo não apareceu em forma de papel, mas em forma de línguas de fogo, e fogo felizmente queima papel inútil” (72). Trata-se de uma verdadeira renovação da vida cristã comunitária: aqui está o coração do ecumenismo. Estamos, portanto, a caminho. Mas a caminho para onde? As concepções católica e protestante da meta são diferentes. Como será a futura unidade ecumênica na pluralidade, não se pode prever de antemão. O caminho do ecumenismo é como o de um peregrino que está a caminho com uma lanterna: “ela ilumina na medida em que o peregrino mesmo avança” (75). A última palavra do A. nesta conferência é uma palavra de esperança.

O quinto trabalho aqui publicado (81-114) é uma brevíssima suma da teologia da eucaristia, tal como a melhor sacramentária hoje a desenvolve. A eucaristia é “testamento de Jesus”, uma categoria de inspiração bíblica muito cara a Lutero; é memorial (anamnese) a ser compreendida a partir da bênção convivial judaica; é ação de graças e sacrifício, a oferta dos dons a Deus feita em ação de graças; é epiclese, invocação do Espírito, sem o qual não se realiza eucaristia; é *communio*, comunhão com Cristo e comunhão entre os fiéis a partir da comunhão com Cristo, de tal forma que “a *communio* pessoal e eclesial é a meta e a plenitude da celebração eucarística” (99): comunhão com Cristo e comunhão em Cristo; a

eucaristia é sinal escatológico, apontando para a plenificação escatológica do cosmo; a eucaristia é “a suma do mistério cristão da salvação” (105), do ponto de vista cristológico como trinitário. Ação de graças (reconhecimento de que tudo vem de Deus) e entrega (obediência da fé) constituem o cerne da atitude de Jesus como a forma sacramental da eucaristia que é oferta dos dons em ação de graças, ambas realizadas pela atuação do Espírito.

O último trabalho (115-146) disserta sobre “a conexão íntima entre eucaristia e Igreja” (subtítulo). Começa recordando que o “conteúdo” da eucaristia é a reunião da assembléia, como o antigo nome *sinaxe* o expressa e também o termo *ekklesía*, ambos significando o congregar-se. É, aliás, assim que Paulo inicia sua reflexão sobre a eucaristia em Corinto: “Quando vos reunis...” (1Cor 11,18.20; cf. 14,26). O A. defende então a importância da unidade contra o dogma pós-moderno do pluralismo. Segundo a Escritura e a Tradição a unidade é a meta do plano salvífico de Deus: a reunião escatológica do Israel disperso e a reunião escatológica de todos os povos, superando todo conflito de raça, cultura e religião. Deus tudo em todos no final dos tempos (1Cor 15,28) é a grande esperança da Bíblia, esperança expressa pela palavra hebraica *shalom* (paz). A eucaristia tem um direcionamento escatológico de dimensão cósmico-universal, expresso no grito *maranatha* (1Cor 16,22; Ap 22,20; Did 10,6). Ela se realiza na esperança: “Pão e vinho são dons da criação e fruto do trabalho humano; inseridos no evento eucarístico, já agora se realiza neles, em certo sentido, a transformação escatológica de toda a realidade. Por isso luzes, vestes, música e tudo o que a arte humana tem a oferecer, desempenham um papel importante na liturgia eucarística” (123s). Nada disso é mero fausto exterior ou triunfalismo

barato, mas expressão da fé em que o mundo celeste se expressa na celebração da eucaristia. No entanto, não se pode esquecer que essa antecipação do *éschaton* se realiza sob a cruz, não é “graça barata”, para usar a expressão de Bonhoeffer. A eucaristia se realiza no sangue sacrificial, na conversão.

A íntima conexão de eucaristia e Igreja é uma redescoberta de suma importância de um dado que é bíblico e patrístico, mas que tampouco a grande teologia medieval tinha esquecido, quando ensinava que a “unidade eclesial” é a *res sacramenti* (o conteúdo, a graça sacramental da eucaristia), vale dizer: a meta da celebração da eucaristia, enquanto a presença real é *res et sacramenti*, um conteúdo que tem ainda caráter de sinal. A eucaristia, assim entendida, é a fonte da eclesiologia eucarística. E aludindo indiretamente à polêmica que sustentou com o Cardeal Ratzinger a propósito da prioridade da Igreja local sobre a Igreja universal, afirma: “A unidade da Igreja não se compreende nem à maneira de um império nem à maneira de uma federação; é uma grandeza sui generis. Assim como a Igreja universal só existe na e a partir da Igreja local, também a Igreja local só existe na e a partir da Igreja universal (cf. LG 23)” (135). Assim, a partir da eucaristia, estamos no começo de uma evolução altamente significativa para a forma concreta de ser Igreja, uma forma que exclui contradições, mas ao mesmo tempo abraça a diversidade de culturas, línguas, ritos e costumes. A partir daqui se vê também que na eucaristia está a raiz última da doutrina social da Igreja.

Essa temática leva à questão ecumênica. O A. recorda mais uma vez: “O ecumenismo não é obra nossa, mas um impulso do Espírito Santo (UR 1; 4); só ele nos pode presentear com uma maior unidade ecumênica” (137-138). O

ecumenismo não é questão política, diplomática ou puramente pragmática, mas espiritual. E sua meta é a unidade visível concretizada no reunir-se em torno à mesa do Senhor.

É um livro excelente, especialmente os dois últimos trabalhos, em que se apresentam de forma concisa, clara e fundamentada as questões fundamentais de uma teologia atual da eucaristia, com preocupação ecumênica.

A resenha foi escrita com base no original alemão. Posteriormente o re-

censador tomou conhecimento da tradução brasileira. Por essa razão não se levam em consideração os possíveis méritos e defeitos da tradução. O leitor da obra em alemão se dará conta de três cochilos na digitação: na p. 89 falta o "r" inicial na palavra "recolitur"; p. 126 traz "satt", quando devia ser "statt"; p. 132, "brauchen", quando devia ser "brechen".

Francisco Taborda SJ

---

BENELLI, Sílvio José: *Pescadores de homens*. Estudo psicossocial de um seminário católico. São Paulo: Editora UNESP, 2006. 330 pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-7139-642-6.

---

Que formador não quer saber como ele faz parte de uma "fábrica" que forma o futuro sacerdote ou religioso? Que seminarista não gostaria de ter idéia do processo a que ele está submetido no tempo de formação num seminário ou num convento? Que homem e mulher de Igreja não se interessam por conhecer como se forma o futuro clero? E até mesmo pessoas alheias à Igreja, mas interessadas num tipo de análise institucional, lerão com proveito o livro. O alcance vai além da Igreja. Entra pela academia a fora. Enfim todo leitor aprende a trabalhar com tal análise que serve para ler outras instituições que existem na sociedade. Amplo alcance.

São perguntas existenciais, práticas, mas que envolvem uma teia de relações sutis que escapam ao olhar ingênuo e imediato das pessoas. Aproximar-se dessa realidade com instrumentos teóricos permite desvelar mecanismos que estavam ocultos ou que se manifestam sob luz diferente. A realidade humana

permite muitos ângulos de leitura. Nenhum a esgota, nenhum merece a confiança total. Cada um se acerca do real e desvenda-lhe rincão, lança luz nas sombras que o envolvem.

Diante do leitor está um seminário concreto com alunos que estudam filosofia num regime de internato. Tem nome, tem lugar, tem data, embora o livro não o nomeie por ética profissional. Mas a vantagem das análises teóricas consiste em ir tão fundo que arranca desse dado bem concreto e limitado elementos universais que iluminam outras situações. O leitor, ao confrontar as análises com sua vida de formador ou de formando, em outro momento e situação, perceberá aspectos que lhe escaparam até hoje.

O foco principal concentra-se na instituição Seminário, composta fundamentalmente pela equipe de formadores, funcionários e seminaristas, enquanto ela configura, com seu sistema de regras, um tipo de subjetividade seminarística em vista de ser o padre de amanhã

com papel de relevância na Igreja e no âmbito social de sua atividade.

Aproximar-se-ia equivocadamente da leitura quem tivesse as posturas extremas de querer encontrar no texto seja uma diatribe contra o seminário, seja um discurso laudatório. No primeiro caso, confirmaria críticas preconceituosas ou se poria em atitude defensiva de quem enfrenta um inimigo. E quem quisesse um texto de glorificação paradisíaca do Seminário, em geral produzida em festas comemorativas, se decepcionaria enormemente. Trata-se de um texto que se policia continuamente em vista da objetividade possível de uma pesquisa, envolvendo instituições humanas. E se os resultados finais carregam a tinta nos aspectos deficitários do seminário, não nascem de nenhum a-priori nem de um desejo de difamá-lo. Há o pressuposto de que a verdade tem força de libertação quando assumida na sua transparência. Assim se faz possível que um corpo social se lance para futuro mais auspicioso que o presente carregado de deficiências.

O livro orquestra três movimentos em bela polifonia. O primeiro tem a gravidade e solenidade acadêmica da elaboração do instrumental teórico. O texto situa-se no mundo acadêmico das dissertações de mestrado que ressam científicidade, rigor de fontes compulsadas, limpidez epistemológica, metodologia exata. Dois autores principais compõem a melodia fundamental: E. Goffman e M. Foucault. Acompanha-os com substancial contribuição A. Costa-Rosa. Acordes menores vieram de outros compositores.

E. Goffman compôs a linha musical que faz soar ao ouvido os sons pesados da Instituição total. Esquadrinha-a rigorosamente. Oferece excelente instrumental de análise para o Seminário que é incluído, sem negar-lhe especificidade

própria, entre as instituições totais. Permite perceber o entrecruzamento dos planos macro e micro dos fenômenos que ocorrem em instituições de natureza fechada onde as diversas atividades se vivem em espaço único. Há um jogo sutil nas instituições totais entre forças que se medem conflituosamente no plano macro e microfísico, assumindo estratégias diversificadas. O olhar clínico de Goffman vai habilitar o estudo monográfico de captar sob essa ótica a trama vivida no interior de determinado seminário.

Completando e, sob certo aspecto, corrigindo os limites ainda funcionalistas de Goffman, a dissertação se apóia em escritos de M. Foucault, que oferece elementos importantes para o estudo microfísico de uma instituição disciplinar, como o seminário. Detecta-se uma “microfísica do poder” que se constitui por “técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, importantes porque definem certo modo de investimento político e detalhado do corpo”. O olhar arguto de Foucault permite perceber a disciplina “em anatomia política do detalhe”, e identificá-la atuando no seminário.

O leitor não se deve sentir oprimido pelo peso teórico e metodológico dos inícios da dissertação, necessários num texto acadêmico, porque o aguardam dois outros movimentos que lhe trarão nem sempre melodias agradáveis. Os sons são feitos também para revelar a verdade do compositor e não simplesmente para afagar ouvidos.

O segundo movimento construiu-se com a pauta da pesquisa desenvolvida no seminário, descrevendo-lhe os sujeitos, os seus instrumentos, predominando a observação participante qualitativa, rigorosa, sistemática e vivencial com entrevistas de tipo não-estruturado. Os resultados foram sen-

do submetidos à problematização. Processou-se também uma análise do discurso do sujeito coletivo – seminarista e formador. Esse conjunto imponente permitiu ao autor ir detalhando a verdade institucional do Seminário. Emerge do texto a figura do seminarista e do formador, entrecruzando os discursos por eles produzidos com a malha de práticas que lhes tecem a vida. O leitor visita detalhadamente com o autor os rincões diversificados da vida dos principais sujeitos. O mundo do seminarista aparece na trajetória de sua vida – carreira moral –, nos processos a que é submetido: disciplina, vida comunitária, solidão do quarto, assembleias, festas. Soam termos pesados como “processo de tiranização”, “de arregimentação”, “sistema de autoridade escalonada”, “sistema de privilégios”, “sistema de ajustamentos secundários”, que atravessam a vida dos seminaristas e dos formadores de modo diferente, numa relação dialética. Quem viveu ou vive em tal instituição total se reconhece, nos discursos e nas práticas, com certa facilidade e clareza na descrição feita e agora tornada mais clara e explícita pelo arcabouço teórico usado.

O último e mais importante movimento soa próximo a uma missa de réquiem. O tema não dependeu do compositor, mas lhe foi dado pela realidade. Em termos de páginas parece um apêndice, mas aí se concentra o fruto de todo o processo.

São conseqüências que naturalmente não significam o “juízo final” sobre o seminário, mas que servem para levar os envolvidos nessa instituição a considerá-las com a seriedade que merece. Nos desejos de todos está que ele seja um lugar da liberdade que cresce por decisões conscientes, pessoais e responsáveis. E a ajuda de fora não quer ser um rolo compressor. As análises apontam, no entanto, para uma

normatização e uniformização disciplinar, sobretudo propiciada pelas práticas em uso, desde os relatórios semestrais até a vigilância escalonada e o exame. Os seminaristas percebem o próprio comportamento, a conduta visível sob contínua observação. Cria-se uma lógica do “panopticon”: visibilidade, vigilância hierárquica, exame, sanção normalizadora. Os formadores desenvolvem um papel interditor e promotor em relação a eles de tal modo que se prolonga uma situação de dependência e, não raro, cheia de medo e angústia.

Uma instituição tipicamente disciplinar lança mão de uma tecnologia complexa que engendra infantilização social, jogos ambíguos de ajustes. Entre os próprios seminaristas, as relações se carregam de conflitos de diversas naturezas, ora obscuros, ora visíveis.

Observação dura e contundente refere-se à política contraditória que “pode estar produzindo nos seminaristas internados comportamentos bastante próximos do perverso”. Com isso, o autor quer dizer que eles criam um mecanismo psíquico de defesa que se caracteriza pelo não reconhecimento de uma situação traumatizante e pela coexistência no eu de duas atitudes contraditórias para com a realidade, em que ambas persistem e não se influenciam. Assim, no caso do celibato, coincidiriam no mesmo sujeito uma atitude de sua afirmação e na prática de sua negação, sem que essas duas posturas se conflitassem numa persistência passiva. Há um reconhecimento e desconhecimento tácito da realidade.

Uma conclusão forte diz que “o processo formativo no Seminário Filosófico não faz o que diz, ou se faz, faz de modo sofrível, segundo os seminaristas. Mas pelo contrário, também faz o que não diz, e o faz muito bem”. É quase um decreto de falência.

Esta virá se a instituição não buscar honestamente solução. O livro está aí provocando os seminários a encontrarem respostas novas para se modificarem e então conseguirem a finalidade a que aspiram. Não carrega pessimismo, mas realismo. A tristeza do desenrolar não vem da análise, mas de não lhe atender os limites e falhas indicados.

É um tipo de análise que conhece os limites. Não se debruça especificamente sobre a dimensão puramente pessoal, a ação de Deus, a dimensão estritamente mística que escapam da observação. Não se dirige primeiramente a analisar a liberdade humana. Embora essas dimensões estejam sempre presupostas e apareçam nas entrelinhas, não caem diretamente sob o crivo analítico. Desvela a contradição presente na instituição entre o discurso e as práticas disciplinares, sem enveredar-se pelo discurso espiritualista ou moralista por coerência metodológica.

Há uma questão mais ampla que o autor não abordou explicitamente porque talvez fugisse de sua ótica. O seminário existe em função da formação do ministro ordenado nos moldes presentes. A figura atual desse ministro condiciona o sistema que o forma, como este decide sobre seu perfil. Há uma dialeticidade entre o tipo de sacerdote de hoje e o seminário que o molda. Tudo isso está dito na dissertação. No entanto, não se tratava, porém, de estudar nem histórica nem estruturalmente a compreensão que a Igreja católica faz do seu ministério. O livro levanta, porém, a pergunta: será que a falência dessa instituição não significa que se exige uma reformulação radical da figura do próprio ministro ordenado? Não se está à espera de nova teologia do ministério que não seja o reforço da atual figura?

Em grande parte, embora não dito, está no centro a questão de como formar

alguém para o celibato num tipo de ministério que não parece intrinsecamente estar vinculado com ele. Diferentemente da vida religiosa em que a pessoa entra com o projeto de vida em castidade consagrada e de dentro dela organiza o restante de sua vocação. No caso do ministro ordenado, o centro da vocação é a dimensão pastoral no sentido amplo da presidência celebrativa dos sacramentos, da animação de uma comunidade de fiéis, da condução de uma paróquia. E a essa vocação a Igreja do Ocidente vinculou necessariamente o celibato. E fazer perceber ao seminarista tal elo para além de uma injunção autoritativa desafia os formadores. E em torno desse repto se organiza o seminário, recorrendo ao modelo da "instituição total". E o preço que se paga com tal modo de institucionalização para conseguir a finalidade de formar ministros ordenados celibatários foi o objeto principal dessa pesquisa.

Mesmo discordando de muitas conclusões ou mesmo tendo reservas críticas ao modelo teórico escolhido, evidentemente sujeito a limites e vieses, um mínimo de honestidade e lealdade humanas pede que se debruce sobre os resultados para rever em profundidade não só a estruturação do Seminário, mas sobretudo o conjunto dos ministérios na Igreja. Há um círculo vicioso que deve ser quebrado do lado que tem maior chance de modificar a situação. E este é certamente a concepção mesma de ministério ordenado.

Nesse limiar de questionamento nos deixou a leitura do livro. Esse simples resultado mostra a gravidade da questão que foi abordada com seriedade, honestidade, dentro dos limites do marco teórico assumido. Como toda boa teoria, ela nos tornou a realidade mais clara, transparente, permitindo-nos maior lucidez diante dela. Outros estu-

dos podem vir, e serão bem-vindos, no sentido de completar, matizar, aprofundar, validar ou mesmo invalidar alguma consequência. O debate está aberto. Que entre nele o maior número de pessoas para que surja mais luz

em benefício da Igreja que se apóia enormemente nesse ministério para a atuação pastoral.

João Batista Libanio SJ

---

CASTILHO PEREIRA, William César (org.): *Análise institucional na vida religiosa consagrada*. Belo Horizonte: Publicações CRB, 2005. 256 pp., 22 X 16 cm.

---

Esta obra, não só coordenada pelo professor e psicólogo William Castilho, mas também, em boa parte, escrita por ele, conta com a colaboração de vários/as religiosos/as.

Na Introdução, Pe. Dalton de Almeida situa o livro na retomada de reflexões que ocuparam a ERP (Equipe de Reflexão Psicológica) nos anos 90 a respeito da análise institucional na vida religiosa consagrada em vista da sua refundação em meio às turbulências das últimas décadas. Buscava-se então superar tanto o comunitarismo das dinâmicas de grupo como a reengenharia e qualidade total em voga no mundo empresarial. Tratava-se de inserir mudanças na VC com lucidez em perspectiva histórica.

Com o mesmo espírito, volta-se a aprofundar a questão. W. Castilho, logo de início, aponta a porta de entrada da análise institucional na vida religiosa, fazendo-lhe uma leitura histórica antes e depois do Concílio Vaticano II. Com as categorias de sociedade pré-moderna e moderna, interpreta a instituição da Igreja antes do Vaticano e sob o seu impacto. Descreve ambas as sociedades segundo categorias bem conhecidas e mostra como a Igreja católica resistiu muito tempo à modernidade e sofreu profunda transformação com o Vaticano II, citando testemunho de religiosos/as que lhe sofreram o im-

pacto e a sensação de desestabilização. Na América Latina acrescenta a influência de Medellín e Puebla com a famosa opção pelos pobres que trouxe dilaceramentos no interior da VC.

Todo esse conjunto tem provocado verdadeira refundação da VC, transformando-lhe a estrutura institucional. O A. aponta os principais campos afetados: exercício da autoridade, relações intracomunitárias, condução da formação, crescimento de vocações de meios populares, novos tipos de residência, novo tipo de teologia, ressignificação dos votos e inúmeros outros pontos.

Houve uma sensação de liberdade respeito ao teor anterior de VC com maior senso de responsabilidade pessoal e menor submissão. Isso não se fez sem turbulências próximas de um caos institucional. A psicologia debruçou-se sobre tal fenômeno estudando a produção de novas subjetivações provenientes de novos modelos societários e religiosos. Lançou-se mão da Análise Institucional como instrumental possível na VC, criando o Grupo de Reflexão de Psicólogos (GRP) e mais tarde a ERP (Equipe de Reflexão Psicológica).

Passou-se de uma perspectiva psicológica enquanto terapia pessoal para a relevância da instituição para a afetividade. Assumiram também, em

certo momento, elementos da análise institucional usada por empresas com categorias como “qualidade total”, “reengenharia”, navegando na onda neoliberal. Em oposição a essas últimas categorias, preferiu-se uma Análise Institucional que fosse libertadora das subjetividades na linha do Vaticano II, Medellín e Puebla.

O artigo é tecido de depoimentos de religiosos/as que viveram a experiência da Análise Institucional em sua congregação e obras, e confidenciam os entusiasmos e resistências. O A. conclui que o Vaticano II possibilitou por parte de instituições da Igreja melhor resposta às realidades sociais e nesse movimento situa-se a Análise Institucional como instrumento e associado ao projeto da Refundação da VC.

Num segundo trabalho, W. Castilho apresenta um estudo de natureza teórica. Mapeia as principais escolas no interior do movimento institucionalista que substitui a lógica da identidade pela lógica dialética e da diferença com a finalidade de desencadear processos de mudança. Esclarece, de início, alguns dados: que é instituição, porque nos instituímos, a função perversa da instituição. Ela passa de uma necessidade que temos como seres humanos de criar instituições para uma prisão que nos cerceia. A VC sofre esse dilema e tem por onde ser uma organização humanizadora. Para superar a heterogestão está o movimento institucionalista com os princípios básicos da auto-análise e autogestão. O A. descreve a gênese histórica de tal movimento e a filosofia do método, antes de dedicar longa parte às diferentes escolas. Passa em revista a socioanálise, a sociopsicanálise, a psicanálise, o materialismo histórico, a metodologia da sociopsicanálise. O leitor é introduzido nesse mundo especializado de maneira direta e clara.

Ainda o mesmo autor em colaboração com Adriana Penzim analisa os caminhos de uma intervenção de cunho institucionalista, detendo-se nos seus principais momentos. Os AA. baseiam-se em experiências recentes. Elas mostram como se rompe a rotina conservadora da instituição para pô-la em processo de renovação. Começa-se com a construção de um grupo coletivo autogestivo favorecendo a participação ativa de todos os membros como sujeitos dos próprios acontecimentos.

Considera, em seguida, os naturais bloqueios, chamando atenção para processos transferenciais. A demanda do uso do instrumental e seu encaminhamento não acontecem espontaneamente. Cabe estudar as razões explícitas e implícitas, conscientes e inconscientes que estão na raiz. O analista da instituição necessita encontrar-se com todos os membros da mesma em sucessivas assembleias. A natureza da análise institucional implica forma de intervenção coletiva, pautada pela metodologia da pesquisa-ação. Isso supõe a participação dos atores sociais envolvidos. Elencam-se os múltiplos objetivos a serem alcançados com tais assembleias desde o conhecimento por parte dos membros da instituição de que seja análise institucional até definir práticas e estratégias. Os participantes são solicitados a responderem individualmente a questionários abrangentes sobre os diversos aspectos da instituição. Elaboram-se diagnósticos que são submetidos à assembleia até chegar a definir a execução dos projetos e prognósticos com avaliações periódicas. O texto oferece uma ficha de pesquisa psicossocioeconômico-cultural elaborada pelo próprio prof. W. Castilho e sugestões de roteiro para elaboração de projetos.

As contribuições seguintes abordam questões pontuais. O prof. William as introduz sob o título de analisadores

institucionais na VC. Diversos pontos foram tratados. O poder vê-se envolvido na forma de governar de acordo com o grau de maturidade das pessoas e das relações interpessoais e organizacionais. O uso do dinheiro na VC, numa sociedade moderna capitalista de mercado, modificou-se altamente, provocando conflitos e questões melindrosas nos/as religiosos/as. A cidadania assumiu nos novos movimentos sociais características emancipadoras, trazendo desafios à VC. O crescimento do número absoluto e proporcional dos idosos na VC com mudança de sua consciência constitui-se relevante realidade. A questão da identidade e diferença é vista numa perspectiva dinâmica, processual com suas interpelações à VC. O processo formativo é estudado como produtor de subjetivações e identidades na VC, salientando a importância dos valores e da ética como motores de motivação. O livro termina com uma entrevista do famoso psicólogo espa-

nhol Carlos Domínguez Morano concedida a W. Castilho sobre a espiritualidade e o cotidiano, atribuindo importância à experiência mística, como necessária relação com Deus através de dinâmica amorosa.

O livro conjuga com maestria elementos teóricos, testemunhos de pessoas envolvidas no processo da análise institucional e sugestões práticas para instituições que quisessem entrar no processo de análise institucional. Há enorme diversidade de temas, até mesmo certa dispersão. Mas o enfoque da análise institucional permite lê-los sob essa ótica. Conjugam-se elementos vindos de diversos saberes: psicologia, psicanálise, sociologia, filosofia, teologia, espiritualidade. É verdadeiro discurso interdisciplinar.

*João Batista Libanio SJ*